

TEATRO MUNICIPAL

SÃO LUIZ JÂNGAL TEATRO PRAGA

26 JUNHO – 1 JULHO 2018

TEATROSAOLUIZ.PT

TERÇA A SÁBADO, 21H; DOMINGO, 17H30
SALA LUIS MIGUEL CINTRA; A CLASSIFICAR PELA CCE
COPRODUÇÃO: THÉÂTRE DE LA VILLE, TEATRO
MUNICIPAL DO PORTO - RIVOLI, CAMPO ALEGRE
E SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL



*Why do you need to
convince me of your existence?
I know you exist, I don't
need to feel your breath
to know you exist.*



A partir de *Jângal*

“Use your head, can’t you,
use your head, you’re on earth,
there’s no cure for that!”

Samuel Beckett, *Endgame*

A teoria dos objetos, do filósofo austríaco Alexius Meinong (1853-1920), desenvolvida, por exemplo, em *Über Gegenstandstheorie* (*Sobre a teoria dos objetos*) e *Über Annahmen* (*Sobre suposições*), baseia-se na observação de que, se nos podemos referir a coisas que não existem, então é porque elas existem de alguma forma. Se a Sereia ou o Dragão não existem, também é verdade que a Sereia canta e o Dragão cospe fogo. Assim sendo, estas entidades merecem uma moldura existencial, uma pasta ou repositório, a que se passou a chamar, na história da filosofia, “a selva de Meinong”.

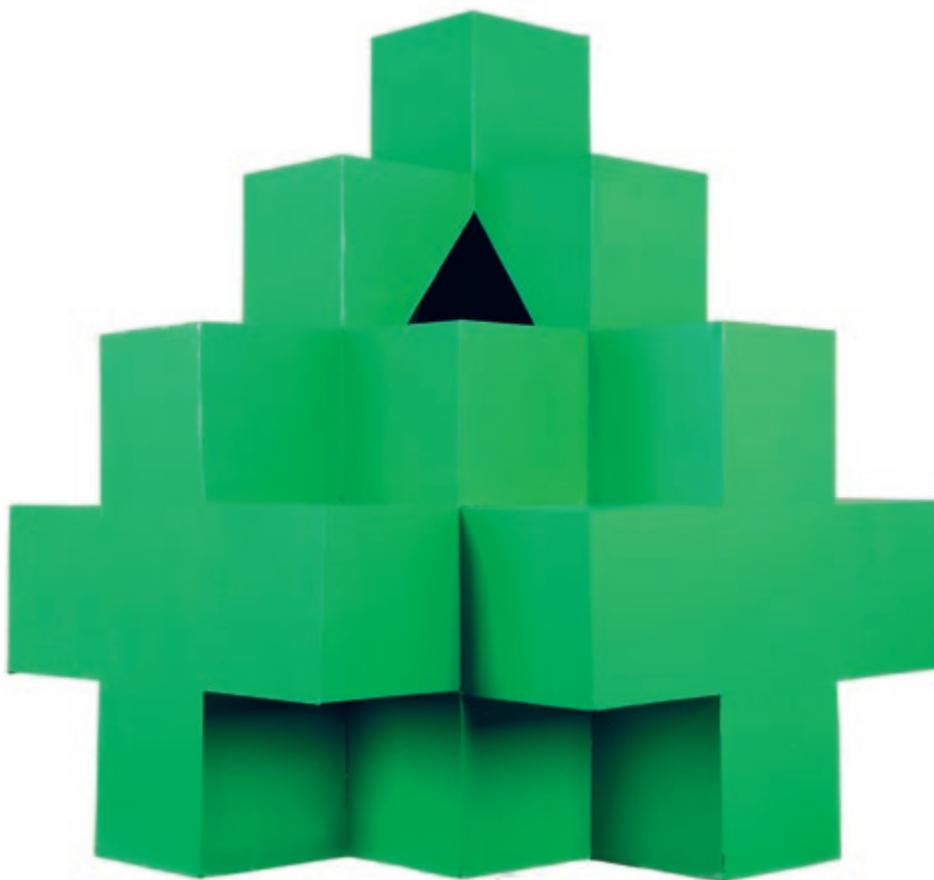
A palavra portuguesa “jângal”, sinónimo de “selva” e caída em desuso, caracteriza tudo o que é selvagem e incontrollável, refletindo, nesse olhar, uma visão colonialista, assente num dualismo austero, que distingue entre nós e os outros, o civilizado e o selvagem. Uma selva hospeda quem não tem papéis (“Selva de Calais”), mas também o que não tem nome, o desordenado, o inculto, o caos.

Recuperamo-la, em JÂNGAL, para a fazer acolher, como num arquivo *à la* Meinong, um outro modo de olhar o que habitualmente se caracteriza como estranho ou raro, contribuindo para uma complexificação do que é normal ou comum.

Há um discurso ecológico, entretanto politizado mas também capitalizado e mercantilizado (“*green washing*”), que se serve de uma descrição que opõe o humano ao animal, a cultura à natureza, o cinzento ao verde. Apesar da bonomia, nuns casos, e perversidade, em outros, deste discurso, a separação entre uns e outros não dá conta dos acontecimentos biológicos que se registam e corre assim o risco de passar ao lado da possibilidade de uma intervenção. Os contactos múltiplos e as relações numerosas não estão contemplados nessas descrições.

A geologia dos media ajuda-nos a olhar para o que esconde, por exemplo, a leveza da informática e da “rede”, com o seu vocabulário de nuvens, ar, espaço, satélites e siglas, aspeto polido, limpo e imaterial que oculta ou faz sombra às consequências poluidoras dos cabos, de um computador ou de um telemóvel. Recorre-se à escavação, desenterra-se fósseis, entidades zombie que regressam para alimentar a produção humana viva. É como se almoçássemos o passado para produzir presentes aéreos com consequências para o futuro.

*We are under the earth's
crust and up in the air,
we are physical and we
are in your imagination.*



A problematização e a ambiguidade destes objetos inspiram a escavação do humano e das suas histórias, uma viagem por aí abaixo que encontra outras escalas, espaciais e temporais. As experiências de convívio na “rede” (o *browsing*, os *tags*, a navegação ou os algoritmos) proporcionam outros modos de entender a existência e formam identidades. Diminuí-las, caracterizando-as de realidade paralela ou de delírio ficcional, é não querer lidar com os seus efeitos e com o modo como somos feitos por elas.

A evidência das recentes extinções (a “Sexta Extinção”), as alterações climáticas, a acidificação dos oceanos ou a redistribuição das espécies, a evidência dos problemas (tradução do “trouble” da filósofa e bióloga americana Donna Haraway) é genericamente defendida e acolhida pela comunidade científica, que aponta implicações sérias no mundo tal e qual o conhecemos. A aceleração dos efeitos provocados pela expansão da espécie humana pelo planeta Terra tem sido identificada como inexorável e evidente. A princípio, a constatação é paralisadora: é tudo tão grande e imparável que não encontro resposta. A ausência de solução eficaz neutraliza a resposta, como se os problemas não pudessem ser eternamente problemas. A ideia do problema sem solução, a ideia do problema contínuo é o equivalente ao falhanço, à falha de coração, à falha de vida.

Enquanto não se resolver o problema, não se consegue viver.

Este é um raciocínio guiado pela alternativa entre desespero ou esperança. Ou nos convencemos da incapacidade e murchamos, ou enchemo-nos de fé nas qualidades da espécie humana e esperamos. Donna Haraway propõe, em alternativa, que fiquemos com o imbróglio, com os problemas, abrindo a possibilidade de pensar o humano em relações numerosas que nos proporcionam modos de encontro nivelados. Entende-se o tempo como um presente expandido com relações temporais múltiplas que ultrapassam a escala da existência da espécie e permitem especular sobre um futuro sem humano. Não há *um* presente, como parece sugerir certa retórica da efemeridade do presente. Ficar com os problemas implica o reconhecimento da transitoriedade *dos* presentes, da fragilidade da espécie humana e de uma enorme diversidade de outras espécies (animais, botânicas, geológicas, fabricadas...) num ecossistema complexo e irrequieto que nos faz reconsiderar o papel do protagonista.

Oh! My soul! Ouch!
I can't stand it!
It's perfect!



Neste lugar em que se fica e se está-com, e a que chamámos JÂNGAL, repensam-se as histórias que contamos e as ficções que especulam. Outras ficções, mais ficções, que importam porque as ficções não são meros agentes passivos que se limitam a refletir ou confirmar a realidade. As ficções também fazem a realidade. São ativas na sua existência e olhar, constroem e conseqüentemente transformam por força da repetição e conquista de visibilidade. E é por isso que JÂNGAL se coloca entre o fazer o ser feito, desenterrando, na sua pasta, entidades subterrâneas, como uma escavadora à procura do que a superfície oculta. O subterrâneo está vivo, o ar repleto de metal, há existência em toda esta selva, a que chamámos JÂNGAL.

JÂNGAL é um encontro com histórias de encontros. Encontro entre espécies, entre existências e entre ficções, entre coisas silenciosas que não pensam nem sentem, uma especulação que foge ao dualismo redutor que opõe um eu a um outro, o humano ao não-humano e que reconhece os contágios e as dificuldades. Instaura-se um lugar para o parcial e ambíguo, para o incompleto, para o material e imaterial. É uma especulação humana, uma experiência falhada de desumanização, que aceita que não há fora disto e que não se faz valer de uma ideia genesiaca de paraíso perdido a que se quer regressar, antes enfrenta a necessidade de encontrar modos de convivência e de habitar juntos.

JÂNGAL TEATRO PRAGA

Estreia

26 junho a 1 julho
Quinta a sábado, 21h
Domingo, 17h30

Sala Luis Miguel Cintra
A classificar pela CCE

€12 a €15 (com descontos €5 a €10,50)

Duração aprox.: 1h15

Espetáculo parcialmente falado em
inglês e legendado em português

  1 julho, 17h30

Conversa com a equipa artística
após o espetáculo:
1 julho, 17h30

Um espetáculo Teatro Praga

Dramaturgia: André e. Teodósio,
José Maria Vieira Mendes e Pedro Penim;
Elenco: André e. Teodósio, Cláudia Jardim,
Gisela João, Jenny Larrue, Joana Barrios,
João Abreu e Joana Brito Silva; Cenografia:
Bruno Bogarim, Joana Sousa e Teatro Praga;
Música original: Violet; Desenho sonoro:
Miguel Lucas Mendes; Coreografia: Sónia
Baptista; Iluminação: Daniel Worm
d'Assumpção; Figurinos: Joana Barrios;
Costura de figurinos: Rosário Balbi;
Maquilhadores: Inglot; Fotografia: Carlos Pinto;
Direção de produção: Andreia Carneiro;
Assistente de produção: Alexandra Baião

**Coprodução: Théâtre de la Ville,
Teatro Municipal do Porto - Rivoli.Campo
Alegre e São Luiz Teatro Municipal**

Canções:

De repente

Música: André e. Teodósio
Letra: Pedro Penim/André e. Teodósio
Produção musical: Violet

Jângal

Música: Violet e André e. Teodósio
Letra: Pedro Penim/André e. Teodósio
Produção musical: Violet

Outro Mundo

Música: André e. Teodósio (a partir de
Gotham Lullaby, de Meredith Monk)
Letra: Pedro Penim/André e. Teodósio
Produção musical: Violet

Agradecimentos: Teatro Cão Solteiro, Carlos
Pimenta, Rui Monteiro, Raquel do Vale Martins,
Cristina Correia, Filipe Pinto Soares, Filipe
Pureza, Marta Santos, Rádio Quântica, Clube
Português de Artes de Ideias (CPAI), Pedro
Marques Mendes Presidente da Direção do
CPAI, Mercedes e Álvaro Pinto, Patrícia da Silva,
Sons em trânsito, Filipe Carneiro, Jody Paulsen,
Carlos Bogarim, Pedro Barateiro, Francisco
Benevides, Filipe Pinto Soares, Tuga Slime,
André Romão, Rua das Gaivotas 6,
Marta Ladeiro/Luvin'

Apoios: Rua das Gaivotas 6 e Inglot



O Teatro Praga é uma estrutura financiada por
Governo de Portugal – Ministério da Cultura/
Direção-Geral das Artes



O Bilhete Suspenso nunca esgota. Saiba mais em bilheteira@teatrosaoluiz.pt/ 213 257 650

São Luiz Teatro Municipal Direção artística Aida Tavares; Direção executiva Joaquim René; Programação Mais Novos Susana Duarte; Adjunta direção executiva Margarida Pacheco; Secretária de direção: Soraia Amarelhinho; Direção de produção Tiza Gonçalves (Diretora), Andreia Luís, Bruno Reis, Margarida Sousa Dias; Direção técnica Hernâni Saude (Diretor), João Nunes (Adjunto); Iluminação Carlos Tiago, Ricardo Campos, Sara Garrinhas, Sérgio Joaquim; Maquinistas António Palma, Cláudio Ramos, Paulo Mira, Vasco Ferreira; Som João Caldeira, Gonçalo Sousa, Nuno Salas, Rui Lopes; Responsável de manutenção e segurança Ricardo Joaquim; Direção de cena Marta Pedroso (coordenadora), José Calixto, Maria Távora, Ana Cristina Lucas (Assistente); Direção de comunicação Elsa Barão (Diretora), Gabriela Lourenço, Nuno Santos; Relação com públicos Mais Novos Inês Almeida; Bilheteira Ana Ferreira, Cristina Santos, Renato Botão